

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JÉSSICA LUANA MAUS

**O QUE AS ANTIPRINCESAS “ENSINAM” SOBRE AS IDENTIDADES
FEMININAS?**

**São Leopoldo
2018**

JÉSSICA LUANA MAUS

**O QUE AS ANTIPRINCESAS “ENSINAM” SOBRE AS IDENTIDADES
FEMININAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Profa. Ma. Juliana Fátima da Silva Chaves

São Leopoldo
2018

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as identidades das artistas representadas nas obras literárias da Coleção Antiprincesas. A partir dos estudos culturais, procuro identificar certas contribuições da literatura infanto-juvenil na representação das identidades femininas, uma vez que histórias produzem significados que educam e produzem conhecimento. O eixo principal do trabalho é a análise de três livros da Coleção Antiprincesas, a partir dos seguintes autores: Áries (1981), Bonin e Silveira (2010), Coelho (1991), Costa (2007), Felipe e Guizzo (2003), Louro (1997), Marodin (1997), Meyer (2003) e Strey et al. (1997), os quais contribuíram para as problematizações relacionadas das identidades femininas representadas nas obras. Foram organizadas duas unidades de análises denominadas: Mulheres como protagonistas de suas próprias histórias; e Felizes para sempre? Estas unidades de análises anunciam identidades femininas que ocupam lugares de destaque nas produções artísticas contemporâneas ensinando modos de ser mulher em contextos marcados por resistências às suas formas de expressão.

Palavras-chave: Gênero. Representação. Literatura. Cultura. Identidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro: Frida Kahlo de Fink e Saá (2015).....	22
Figura 2 - Capa do livro: Violeta Parra de Fink e Saá (2016a).....	23
Figura 3 - Capa do livro: Clarice Lispector: para meninas e meninos de Fink e Saá (2016b).....	23
Figura 4 – Foto de Frida Kahlo.....	24
Figura 5 – Foto de Clarice Lispector.	26
Figura 6 – Foto de Violeta Parra.	27
Figura 7 – Imagem do livro representando Clarice escrevendo seus contos.	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 O PONTO DE PARTIDA: “ERA UMA VEZ...”	9
2.2 INVENÇÃO DA INFÂNCIA	12
2.3 IDENTIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES	15
3 METODOLOGIA	21
3.1 QUEM SÃO ESTAS ANTIPRINCESAS? QUAL A SUA HISTÓRIA?	23
3.1.1 Frida Kahlo.....	24
3.1.2 Clarice Lispector	25
3.1.3 Violeta Parra	27
3.2 A DESCOBERTA DO NOVO	28
4 O QUE AS ANTIPRINCESAS “ENSINAM” SOBRE IDENTIDADES FEMININAS?	30
4.1 MULHERES COMO PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS	30
4.2 FELIZES PARA SEMPRE?	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
ANEXO 1 - QUADRO DE ANÁLISES.....	50

1 INTRODUÇÃO

O início desta escrita surgiu de reflexões e questionamentos acerca da literatura infantil, mais precisamente do gênero contos. Os quais estiveram e estão presente na infância de muitas pessoas principalmente por meio de livros. Recordo-me, quando criança, de ter ganhado muitos, onde na grande maioria eram clássicos da Literatura Infantil, tais como: Branca de Neve, Cinderela, Rumpelstiltskin, Rapunzel, O Alfaiatezinho Valente, dentre outros. Ao passar dos anos, outras literaturas vão ganhando espaço no cotidiano, deixando os contos adormecidos em um canto do quarto.

Fazendo parte do cotidiano de uma Escola de Educação Infantil como concursada no cargo de auxiliar de educação, há alguns anos, já tive contato com as mais variadas faixas etárias, presenciando diversas cenas, diálogos, brincadeiras, todas elas regadas com muita imaginação. O prazer da descoberta e os desafios do desconhecido são constantes, estando presente diariamente nesta fase das crianças.

A infância é uma etapa de grandes aprendizados para o ser humano, neste momento da vida se faz grandes descobertas, como andar, falar e principalmente, aprendemos a ver o mundo, estabelecendo conexões. Segundo Muller e Redin (2007, p.16-17), a criança é “[...] um ser que se desenvolve no e com o mundo, mediado pela linguagem, pela atividade, pelos símbolos e pelos outros seres”.

Durantes os momentos destinados a contação de histórias, os contos infantis despertam um encanto diferente nas crianças. Os personagens e as falas destas histórias, repercutem, podendo ser notados durante as atividades, diálogos, brincadeiras e demais interações que realizam ao longo do dia. Percebe-se também que, ao apresentar algum conto infantil às crianças, mais precisamente as que estão entre 3 e 5 anos, contam algum detalhe do livro, algo que vai acontecer, demonstrando assim, um conhecimento prévio, já visto por eles.

Muitas vezes, o primeiro contato da criança com o mundo da literatura acontece por meio dos professores e educadores, dentro do ambiente escolar, por meio de idas à biblioteca da escola, do cantinho da leitura dentro da sala e também nos momentos de contação de história. Estes momentos são essenciais para as descobertas e aprendizagens das crianças. Todas essas ações, desde a escolha do livro que será contado, até o momento do conto, exigem do professor um

planejamento e uma preparação, para que este contato com a literatura seja desfrutado da melhor forma possível. Em sua obra Santos et al. (2005) comentam que:

O educador deve saber o quanto é importante sua prática e ação em sala de aula, pois sua mediação motivará, ou não, a criança à prática da leitura e escrita. Cabe a ele iniciar a criança no mundo das letras, incentivando o gosto pelo livro, visando o desenvolvimento do hábito da leitura. É ele que vai indicar os livros aos alunos, oferecendo-lhes um repertório de títulos, em que possam se movimentar, segundo suas preferências e interesses. (SANTOS et al., 2005, p. 40).

Com isso, os educadores têm a responsabilidade de buscar novas literaturas, para que junto com as crianças, possam trazer novos pensamentos e reflexões referentes aos assuntos discutidos pela sociedade e também pela mídia. Pensando sobre isso, BOOR (2017) afirma que:

Consideramos importante aqui ressaltar o quanto educadores e educadoras precisam estar em constante processo de atualização, para que possam ter a possibilidade de assumir atitudes e posições reflexivas em relação às situações que acontecem cotidianamente nos espaços educacionais em relação a gênero, à sexualidade, à raça, etnia, dentre outros. (MEYER; SOARES, 2004, p.34 apud BOOR, 2017, p. 15).

Outra forma de acesso à literatura pode se dar por meio da tecnologia e das mídias digitais, onde as crianças estão cada vez mais familiarizadas, assistindo e interagindo com vídeos e canais de televisão, seja por meio da família ou no contexto da escola, de modo que acompanham os acontecimentos de seu entorno. Fazer uso de tecnologia é importante, pois de acordo com Dahlberg et al. (2003, p. 72) “[...] a criança pequena está no mundo como ele é hoje, incorpora esse mundo, é influenciada por ele – mas também o influencia e constrói significados a partir dele”.

Refletindo sobre as mídias digitais, entendendo estas permeadas por representações culturais, passei a me questionar: por que contos disponibilizados as crianças continuam sendo clássicos¹ - como aqueles onde existe a princesa, que usa um vestido longo e bonito, com cabelos longos e corpo magro? Onde estão as princesas que sobem em seus cavalos e participam de grandes batalhas? Será que

¹Clássicos: indica os contos mais conhecidos, que marcaram a Literatura Infantil, tais como: Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida, A Pequena Sereia.

a maioria das meninas prefere ser a princesa que é resgatada e não aquela que ‘corre’ atrás de suas crenças e ideais? Alguém quer ou se identifica com a Fiona²?

Essas questões não nascem de um dia para outro e não saem apenas de um mesmo lugar. De acordo com Mayall (1996, p.1) apud Dahlberg et al. (2003, p. 63) “A vida da criança é vivida através de infâncias construídas para elas, a partir das compreensões dos adultos sobre a infância e sobre o que as crianças são e devem ser”. Essas são algumas inquietações que surgiram a partir de provocações suscitadas nos estudos durante as Atividades Acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia, tais como: Literatura Infanto-juvenil, Infância e Educação Infantil, Estágio de Séries Iniciais, onde iniciei meus questionamentos em relação ao papel feminino nos diversos contextos infantis.

Pensando nos materiais que seriam analisados neste Trabalho de Conclusão, surgiu, por meio de uma conversa com minha professora orientadora, a Coleção Antiprincesas³, que traz a vida de mulheres latino-americanas que foram/são inspiração em sua vida pessoal e também profissional, não se encaixando nas idealizações de gênero ainda muito presentes na literatura infantil.

Com a publicação da Coleção Antiprincesas, surgem em mim diversas inquietações como: Do que se trata esta coleção de livros? Quem são seus personagens? Que tipo de representação feminina as mulheres desta coleção trariam para a identidade das leitoras?

Lendo sobre a coleção em sites da internet, tenho uma expectativa positiva em relação aos livros, espero que sejam de grande valia para as reflexões de gênero e identidades infantis e adultas. A partir destas reflexões, o presente trabalho tem como finalidade responder a seguinte pergunta: O que as Antiprincesas ensinam sobre identidades femininas? Tendo como objetivo analisar as identidades das artistas representadas nas obras literárias da Coleção Antiprincesas.

A infância é um período de grande contribuição na formação dos sujeitos, considerando as dimensões sociais, culturais e emocionais. Trazer as questões de estereótipos e as diferenças culturais para as discussões sociais, pode resultar em um novo olhar das crianças para com a literatura, para com os outros, como também para a sociedade em que vivemos.

² Personagem feminina do Filme Shrek. 2001. 1h 29min.

³ Editora Chirimbote, Argentina.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para problematizar e instigar reflexões que envolvem a temática de contos infantis, este capítulo traz um referencial teórico onde visa contextualizar a história dos contos, como também traz estudos que conceituam identidade e representação, a partir da perspectiva dos estudos culturais pós-estruturalistas.

2.1 O PONTO DE PARTIDA: “ERA UMA VEZ...”

Acredito que todas as pessoas, em algum momento em sua vida, já escutaram, leram ou contaram a uma criança, a história da “Chapeuzinho Vermelho” ou da “Branca de Neve”. Além destas, existem milhares de outras histórias famosas que percorrem o mundo todo, fazendo parte da imaginação das crianças e nas lembranças da maioria dos adultos, tornando-se assim um ponto forte da literatura infantil, onde desde seu início faz parte do cotidiano de famílias e escolas. Sobre as histórias contadas Coelho (1991, p.9) comenta que “O que nelas parece apenas ‘infantil’, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida”.

A palavra conto tem sua origem no latim e, de acordo com Guareschi e Hillesheim (2006) seu significado nos guia para dois caminhos: o da oralidade e o da ficção, ou seja, trata-se de uma narrativa sem nenhum compromisso com a realidade. Ainda segundo Tatar (2004) e Barbosa (1991) apud Guareschi e Hillesheim (2006):

Até o século XVII, os contos não eram destinados às crianças, mas eram narrados a qualquer pessoa, de qualquer idade, e relacionavam-se a uma tradição narrativa que fluía especialmente através da fala das mulheres camponesas, as quais reproduziam histórias retiradas do folclore, nas quais expressavam sua inconformidade com os valores feudais (TATAR, 2004; BARBOSA, 1991 apud, GUARESCHI e HILLESHEIM, 2006).

De acordo com Guareschi e Hillesheim (2006), uma das primeiras pessoas a impulsionar a literatura infantil foi o francês Charles Perrault, quando começou a transcrever os contos que ouvia pelas redondezas. Esse modo de disseminar os contos influenciava as pessoas em novas formas de agir e de pensar sua vida cotidiana, assim como é dito por Mazzari (2015, p.18) “Contos populares [...]”

possuem seu habitat na tradição oral e, com frequência, iletrada, na qual ingressam diretamente na alma do povo”.

Guareschi e Hillesheim (2006) dizem ainda, que naquela época as sobrinhas de Perrault participavam de atividades voltadas às causas feministas, fazendo com que o escritor focasse ainda mais nas mulheres injustiçadas e vítimas da sociedade. Ainda segundo as autoras, em 1696, Perrault iniciou a escrita de contos, atividade que ia muito além de entreter as crianças, estas também serviam para a formação moral delas. Para Warner

Como o narrador esforçava-se para localizar e encontrar uma audiência que recebesse a mensagem das histórias favoravelmente, as crianças emergiram como ouvintes, e em meados do século XVII estabeleceram-se como seu público específico. (WARNER, 1999, p.450).

A famosa frase “*Moral da História*” ainda é vista em alguns livros infantis mais antigos. Estando sempre relacionada a alguma boa atitude seguida de uma bonificação, seja ela material ou de caráter (generosidade, bondade), ou então, de uma má atitude seguida de algum “castigo” ou difamação. As autoras Guareschi e Hillesheim (2006, p. 109) observam isso nos contos de Perrault. E segundo Tatar (2004):

Ao final de cada um dos contos, ele acrescentou uma lição moral, às vezes duas, as quais, muitas vezes, não se harmonizavam com a história relatada e serviam para explicitar algum comentário social e digressões sobre o caráter. No prefácio de Contos da Mamãe Gansa, Perrault deixa claro suas intenções: seus contos pretendem conter uma moralidade louvável e instrutiva, mostrando que a virtude é sempre recompensada e o vício é sempre punido, estabelecendo uma relação direta entre a obediência e a possibilidade de uma boa vida (TATAR, 2004 apud, GUARESCHI e HILLESHEIM, 2006).

Já no século XIX, mais precisamente na Alemanha em 1812, eram publicados os contos de Jacob e Wilhelm Grimm, irmãos que, anos depois, também seriam mundialmente conhecidos como os Irmãos Grimm. Seus contos, segundo Coelho (1991) também são baseados nas antigas histórias, lendas ou narrativas do povo germânico, onde se misturavam diversos relatos e que ao longo do tempo, foram acrescentando ao seus próprios.

Após a primeira edição dos contos dos Irmãos Grimm, em 1812, foram realizadas diversas modificações, sendo utilizada então para o momento de dormir, e na segunda edição, em 1815, acabaram retirando partes do texto que continham

algum cunho sexual, segundo Guareschi e Hillesheim (2006). As mesmas autoras comentam que quando:

[...] os Irmãos Grimm buscaram suprimir qualquer resquício de vulgaridade nos seus contos, isso não ocorria no que se refere as cenas violentas, sendo que nas sucessivas edições, os sofrimentos e castigos infligidos aos personagens fracassados ou maus, foram ficando mais explícitos. (GUARESCHI; HILLESHEIM, 2006, p.113).

Durante a Idade Moderna, umas das principais revoluções envolveram o contexto da educação que, lentamente se tornava o centro da sociedade. Com a escola e a família fazendo uma separação dos assuntos de crianças e dos assuntos de adultos, os Irmãos Grimm retiraram qualquer referência sexual que ainda continha em seus contos, entendendo que não seria mais adequado ao universo infantil. Mas mantiveram as escritas referentes à brutalidade e aos sofrimentos, atitudes que podiam ser relacionadas com a dura disciplina presente nas escolas daquela época (GUARESCHI; HILLESHEIM, 2006). Por isso, de acordo com Guareschi e Hillesheim (2006, p. 114) “[...] se a desobediência, a maldade, a mentira e todos os outros vícios são castigados, a bondade, a obediência, enfim, as virtudes são recompensadas, podendo-se então *viver feliz para sempre*”.

A partir do século XVIII, a sociedade determinou que haveria um cuidado maior aos assuntos caracterizados como inapropriados para as crianças e que, juntamente com as teorias sobre o corpo das mulheres e sobre os pensamentos relacionados ao prazer, formaram um controle relacionado à sexualidade. Segundo Guareschi e Hillesheim (2006, p. 117):

Os contos de fadas, articulados a um discurso pedagógico que busca governar a infância, veiculam uma concepção moral da mesma, na medida em que esta passa a ser relacionada a um período de inocência, quanto de irracionalidade ou fraqueza. (GUARESCHI; HILLESHEIM, 2006, p.117).

Se prestarmos atenção, tanto os contos dos Irmãos Grimm e os contos de Perrault contém grandes semelhanças, seja por partirem das histórias contadas pelo povo ou até pela sua origem europeia. Coelho (1991) comenta que mesmo assim:

Em todos o sobrenatural, o maravilhoso, as metamorfoses, o destino... são a grande presença. Em todos, há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens ‘alcancem o que desejam’. Entre o real do cotidiano e o mistério do imaginário, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas talvez por isso mesmo,

extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios. (COELHO, 1991, p. 75)

Atualmente, Hans Christian Andersen (1805-1875) é conhecido como o verdadeiro criador da literatura infantil, tendo publicado, de acordo com Coelho (1991, p. 76) “[...] por volta de duas centenas de contos infantis. Parte deles foi retirada da literatura popular, outra parte foi criação do próprio escritor”. O poeta e novelista viveu na época do romantismo (final do século XVIII até o final do século XIX), transmitindo para seu mundo letrado

[...] uma enorme ternura humana, principalmente dirigida aos pequenos e desvalidos. No confronto constante entre o poderoso e o desprotegido [...] seus contos enfatizam não só a injustiça do poder explorador como também a superioridade humana do explorado, expressando assim a consciência democrática e cristã de que todos os homens devem ter direitos iguais, ideal básico do Romantismo. (COELHO, 1991, p. 77)

Cada conto original tem seu significado a partir da época e do contexto cultural em que foi criado. Os séculos se passaram, o modo de viver em sociedade mudou e as culturas se diferenciam ao redor do mundo. Essas mudanças também ocorreram na literatura, onde os contos tiveram que se adequar a novos modos de viver em sociedade e novos sentidos de vida.

2.2 INVENÇÃO DA INFÂNCIA

Sabemos que, no século XXI, a grande maioria das publicações de contos foram direcionados para leitores infantis. Contudo, cabe ressaltar que essas crianças, independente do contexto social, não vivem a mesma infância. Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21):

[...] é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrenta um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. (BRASIL, 1998, p. 21).

Existem muitas hipóteses relacionadas à invenção da infância. Para Áries (1981), um dos principais estudiosos deste tema, a infância é um resultado da modernidade, na qual:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ÁRIES, 1981, p. 65).

De acordo com Souza (2016), as primeiras discussões a respeito deste tema foram feitas a partir do século XVI, no Iluminismo, onde a razão sempre estava presente nas discussões. Antes mesmo, no Medievo, época fortemente marcada pelo Cristianismo, as crianças eram vistas como sinônimo de pecado e na maioria das vezes, eram abandonadas em casas adotivas, chamadas naquela época de “roda dos enjeitados” ou largadas em qualquer lugar da cidade, justificando a grande taxa de mortalidade infantil que existia naquela época. Para Áries (1981):

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ÁRIES, 1981, p. 50).

Com os avanços tecnológicos e científicos, ainda segundo a autora Souza (2016), no século XVII a sociedade passou a ver as crianças como “ferramentas” de trabalho, tendo em vista uma possível atuação na guerra. Por este motivo, os adultos passaram a proteger os corpos destas crianças, tendo em vista um possível “valor”. Segundo Souza (2016) e Matos (2009) Rosseau, quando escreveu sobre a criança no século XVIII, destacou em seus estudos

[...] a importância do cuidado do corpo, da alimentação dessas, e designando como tarefa dos adultos protegê-las dos perigos e da morte, operando a partir de uma perspectiva idealizada da infância. A partir dessa ideia, as relações de família tradicional e de matrimônio foram fortalecidas e os discursos religiosos, pedagógicos e médicos vieram corroborar, produzindo valores morais e de saúde para que as crianças assim tivessem seus futuros garantidos. (SOUZA, 2016 p. 13; MATOS, 2009).

A infância ideal, tendo a criança como um ser puro e sensível foi influenciada por Rosseau, onde ele comparou a criança a um anjo (puro e inocente), na qual precisava estar protegida das maldades que havia no mundo adulto, ficando assim, isolada desta realidade.

Nos dias atuais, uma parte das crianças vive uma infância valorizada e com diversas possibilidades, mas uma grande parte conforme o Referencial Curricular Nacional, vive em condições adversas, além da diversidade de contextos em que as culturas são produzidas: étnico-raciais, linguísticos, entre outros (BRASIL, 1998). Nós, adultos, devemos entender que:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 21).

Nos dias atuais, a instituição escolar tem um papel de muito significado no cotidiano e nas vidas das crianças e também da sociedade. É neste espaço que grande parte das crianças passam determinadas horas diárias, a fim de aprenderem, terem novas experiências e também de interagir com as outras pessoas. Com um olhar mais aprofundado, podemos ver também, com a ajuda de Louro (1997), que:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. (LOURO, 1997, p.58).

Esses detalhes estão tão presentes e internalizados que não paramos para enxergá-los e problematizá-los. Os livros didáticos, disponibilizados para uso nas escolas, também merecem atenção, pois podem conter discursos em seus textos que passam despercebidos aos nossos olhos.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. (LOURO, 1997, p.70).

A escola é o lugar onde todas essas diferenças se encontram, sendo responsabilidade destas instituições ensinarem os conteúdos obrigatórios e, além disso, promover reflexões e debates que contribuam para o desenvolvimento da autonomia e senso crítico. Por isso

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na

concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos [...] (LOURO, 1997, p.59).

Neste sentido, não somente as atitudes, mas o currículo e também a literatura que está na instituição escolar deve ser problematizada, refletindo sobre suas reais contribuições, para que depois, possa ser problematizada juntamente com as crianças.

Consideramos importante aqui ressaltar o quanto educadores e educadoras precisam estar em constante processo de atualização, para que possam ter a possibilidade de assumir atitudes e posições reflexivas em relação às situações que acontecem cotidianamente nos espaços educacionais em relação a gênero, à sexualidade, à raça, etnia, dentre outros. (MEYER; SOARES, 2004, p. 39 apud BOOR, 2017, p. 15).

Este estudo sobre a Coleção Antiprinças busca saber e refletir sobre o que esta coleção ensina sobre ser menina/mulher, problematizando as questões de gênero e também o “lugar” da mulher na sociedade contemporânea.

2.3 IDENTIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES

“Menino veste azul e menina veste rosa”. “Menino brinca com carrinho/bola e menina brinca com boneca/comidinha”. Nos dias atuais, embora se perceba inúmeras manifestações de grupos e movimentos culturais⁴ que procuram romper com estereótipos ligados às identidades de gênero, essas frases ou cenas ainda estão presentes no cotidiano. Mas por que isso acontece?

Conforme fui aprofundando a temática de estudo, percebi que tratar das questões identitárias e das representações sociais são questões profundas. Não há uma marcação ou uma superação de tempos históricos e precisei compreender e estudar como essas noções foram sendo construídas historicamente.

Retomando a invenção da infância, que segundo Áries (1981) se desenvolveu a partir do século XVI a preocupação de como essas crianças iriam se portar diante da sociedade. Segundo Sostisso (2009), diversas teorias tentaram descrever esta fase de desenvolvimento, partindo de certos pressupostos que, naquela época, eram universais, fixos e a-históricos. Segundo a mesma autora:

⁴ HeForShe (ElesPorElas), #ZeroDiscriminação, Livres & Iguais.

Por conseguinte, também promoveram uma série de prescrições sobre esse sujeito, independente de fatores históricos, contingentes e culturais como questões de gênero, raça, classe, nacionalidade entre outras. (SOSTISSO, 2009, p. 26)

Para contribuir com as prescrições citadas acima, surgiram os manuais para crianças, que de acordo com Silveira (2010)

Elias (1994: 69) afirma que este livro “trata de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade – e acima de tudo, embora não exclusivamente, ‘do decoro corporal externo’”. A análise de Elias (1994) se demora em detalhes de conselhos que para nós soam hoje exóticos, como os referentes ao lugar onde as diferentes pessoas deviam enxugar o nariz, por exemplo [...] (SILVEIRA, 2010, p. 145).

Ainda de acordo com a autora, esses manuais para as crianças foram publicados de forma generalizada na Europa. Aqui no Brasil, mais precisamente no século XIX, quando a imprensa e as editoras iniciaram seus trabalhos, houve uma edição do ano de 1865, chamado de ‘Novo manual de bom tom, contendo moderníssimos preceitos de civilidade, polidez, conduta e maneiras em todas as circunstâncias da vida’. De acordo com Silveira (2010, p. 145) “Embora não se trate de livro para crianças e jovens, ele assinala a continuidade da tradição de um gênero textual voltado para o aconselhamento de como ‘se comportar’ [...]” em sociedade.

Nos dias atuais, estes “manuais de comportamento” podem ter sido reinventados na educação das crianças. Os pais, as instituições de ensino e as mídias utilizam-se de outros artefatos, de uma maneira não tão explícita, para a transmissão de valores e também de condutas.

Desde sempre o homem vem sendo seduzido pelas narrativas que, de maneira simbólica ou realista, direta ou indiretamente, lhe falam da vida a ser vivida ou da própria condição humana, seja relacionada aos deuses, seja limitada aos próprios homens. [...] A Literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa *ânsia permanente de saber* e de *domínio sobre a vida*, que caracteriza o homem de todas as épocas. (COELHO, 1991, p. 10-11)

Bonin e Silveira (2010) relatam que, os textos infantis mesmo sendo destinados às crianças, passam pela aprovação dos adultos, tendo como referência a ideia da sociedade, na qual a literatura infantil deve ser mais uma ferramenta de transmissão de valores e costumes. As autoras ainda destacam que, se no final do século XIX e no início do século XX os assuntos ligados a obediência, ao valor do

trabalho e da educação permeavam a literatura infantil através de seus contextos e dos seus personagens. Nos dias atuais, outros valores se mostram presentes, relacionados a uma

adoção de valores morais próprios de uma sociedade altamente industrializada, pressupostos englobados no conceito de “pedagogia invisível”, como forma de transmissão das normas de conduta e que implicariam uma nova proposta moral baseada na verbalização dos problemas, a negociação dos conflitos, a adaptação pessoal às mudanças externas, a hierarquia não-estratificada, a autoridade consensual, a imaginação criativa ou a anulação de determinadas fronteiras entre o mundo infantil e o mundo adulto. (COLOMER, 2003, p. 176 apud BONIN e SILVEIRA, 2010, p. 80).

No entendimento de Flores (2016), com os contos as crianças têm a capacidade de entenderem a si mesmos e também aos outros. Além disso, “colabora para que as crianças descubram sua identidade e elaborem sua comunicação, além de apresentar diversas experiências que ajudam no desenvolvimento do caráter infantil” (FLORES, 2016, p. 17).

Ainda, segundo Flores (2016) também existem alguns pais que preferem que seus (as) filhos (as) leiam e escutem apenas contos que transmitam e repassem sentimentos e atitudes positivas, mesmo que a nossa existência como sujeito social não se resuma apenas a estes sentimentos. Contudo, existe também a maldade, o ódio, o sofrimento e a morte. Estes sentimentos, tanto os positivos como negativos, fazem parte da vida de qualquer ser humano, sendo produtivos ao serem vivenciados e discutidos.

[...] os pais por possuírem esse medo, o de amedrontar seus filhos, escolhem por apresentá-los apenas coisas boas, mas esquecem que a criança precisa entender o mundo como ele é, compreender a realidade, crescer, [...] as crianças precisam conviver com o sofrimento, com a solidão e até com a morte, a separação” (ROSSONI, 2008, p.15 apud FLORES, 2016, p. 18).

No dia-a-dia das escolas infantis, é comum perceber nas brincadeiras das crianças, após a contação de determinadas histórias, aspectos e até representações dos personagens, adaptados ao contexto social em que estas crianças estão inseridas. Castelos fabulosos, vestidos cheios de brilhos, animais falantes, príncipes encantados montados em cavalos brancos e bruxas com caldeirões não fazem parte da nossa realidade, resultando em um

Outro motivo que leva as pessoas a crerem que este gênero literário é prejudicial [...] está relacionado à argumentação de que estes contos incentivam uma visão ilusória sobre a vida, principalmente para as mulheres, quando retratam que as personagens realizam-se pessoalmente e vivem felizes para sempre após o encontro do amor verdadeiro, do seu príncipe encantado. Esse relato acabaria por iludir e decepcionar muitas mulheres na vida adulta, fazendo-as infelizes quando não alcançam tal objetivo ou fazendo-as permanecerem na constante procura do príncipe encantado para que assim possam ser felizes. (FLORES, 2016, p.18-19).

Essa impressão ilusória de vida, citada no trecho acima, não está presente somente no gênero literário. Se prestarmos atenção, está inserido no nosso cotidiano, presente nas relações em sociedade e também nas mídias sociais, na televisão, nas revistas e nos diferentes meios de comunicação. Mas os estereótipos marcados por esta “ilusão” não podem ser considerados únicos e totalizantes, sendo assim discutir outras atitudes em relação a eles é também uma questão cultural.

Neste sentido, percebo que a literatura é um artefato cultural capaz de não apenas representar, mas também de produzir modos de ser meninas/mulheres e meninos/homens, pois mesmo que, às vezes, pareçam não ter intencionalidade, as obras acabam colaborando com discursos que produzem uma forma única de ser menina/mulher ou menino/homem. (BOOR, 2017, p. 27).

Nesta construção de identidades sociais, tanto para o masculino quanto para o feminino, sempre está em pauta a questão de valores, formas de ver e de viver em sociedade, que resulta nas ações que cada indivíduo deve ter perante o mundo.

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (LOURO, 1997, p. 21).

Para Meyer (2003) o conceito de gênero trata-se de como nos constituímos como homens e mulheres ao longo da vida, num processo que não é linear e que nunca estará completo ou finalizado. Assim sendo, faz-se necessário lembrar que gênero não se refere só a mulher. Trata também das relações entre homens e mulheres na sociedade, relações estas construídas ao longo da história, e que mudam continuamente e que se manifestam de formas diferentes dependendo de cada lugar e de cada época.

[...] o conceito de gênero esta relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em

diferentes sociedade e épocas. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais, em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, também estão imbricadas na construção das relações de gênero (LOURO, 1997; 1998).

Mesmo sabendo que a nossa sociedade é formada por homens e mulheres, de diferentes etnias, classes, sexualidades e religiões, ainda classificamos os sujeitos pelas suas diferenças.

No contexto de nossa sociedade, a norma é, então constituída a partir do homem branco heterossexual de classe média urbana e cristão. Todos os outros sujeitos são apresentados (ou representados), tomando-o como referência e como centro. Na expressão popular, a mulher é o segundo sexo: o gênero feminino é descrito por sua diferença em relação ao masculino. É frequente ouvir-se dizer que as mulheres são mais fracas do que o homem, ou menos racionais e mais sentimentais, mais intuitivas e menos lógicas [...]. Neste momento, não importa de onde vêm às argumentações, mas interessa acentuar que a norma, o referente, a regra, face a qual se estabelece uma relação para mais ou para menos, é o gênero masculino. (LOURO, 1998, p.35-6)

Na busca pelos seus direitos e pelo seu espaço na sociedade ativa, os movimentos feministas estão criando cada vez mais espaço em relação a liberdade de expressão e de liberdade. A primeira onda do movimento feminista, segundo Meyer (2003), iniciou-se no Brasil com a Proclamação da República, em 1890, onde as mulheres reivindicavam o direito ao voto, que foi apenas concedido há mais de quarenta anos depois, na constituição de 1934. Juntamente com esta luta pelo voto, haviam também outras reivindicações, como “o direito à educação, a condições dignas de trabalho, ao exercício da docência” (MEYER, 2003, p. 12).

Já a segunda onda do movimento feminista, de acordo com Meyer (2003), se associa aos movimentos de oposição à ditadura militar, e também aos movimentos de redemocratização da sociedade brasileira.

E é nesse contexto que as feministas se viram frente ao desafio de demonstrar que não são características anatômicas e fisiológicas, em sentido estrito, ou tampouco desvantagens socioeconômicas tomadas de forma isolada, que definem diferenças apresentadas como justificativa para a desigualdade de gênero. (MEYER, 2003, p. 14).

A partir dos contextos que abordei, sobre o conceito de infância, seus manuais de comportamentos, pude perceber que a literatura tem um grande poder de problematizar e também de instruir certas condutas. Neste pensamento, devemos

estar cientes da literatura que apresentamos para as nossas crianças, sendo que estas leituras são capazes de gerar formas de pensamentos e de visões de mundo.

Professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que leem, o que dizem, ouvem ou fazem. [...] é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 1997, p.137)

Para que a liberdade de gênero seja abordada com as crianças, devemos proporcionar a elas novas experiências e reflexões, trazendo literaturas que possam problematizar novas formas de viver e de ver o mundo, mostrando que não vivemos em uma sociedade com um padrão definido e imutável, mas sim que estamos em uma sociedade em frequente mudança e reflexões.

3 METODOLOGIA

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não se pode descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não desperta a sensibilidade, emoção, não será contada com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa (SANTOS et al., 2005, p.42).

A literatura, assim como os jornais, as mídias e o cinema mostram diferentes culturas, acarretando em diferentes modos de pensamentos e vivências em sociedade. Com isso, temos que estar cientes de que quando lemos um livro, mesmo de forma deleite, estamos refletindo e criando significados a partir desta leitura, o que resulta em novas formas de olhar o mundo e também de vivê-lo.

Para compreender mais profundamente essas discussões sobre cultura, que envolvem diferentes questões, como as questões de gênero, raça, sexualidade, entre outras, trago para este trabalho as pesquisas acerca dos Estudos Culturais, que de acordo com Costa (1999) surgiram na segunda metade do século XX:

[...] cujo foco central tem sido a enorme variedade de temas em que estão implicadas questões cruciais de nosso tempo como raça, etnia, nacionalidade, gênero, sexualidade, pós-colonialismo, entre tantas outras. A característica mais importante deste novo campo talvez seja a de contestar certas concepções culturais hegemônicas, subvertendo os territórios disciplinares tradicionais e mantendo um longo compromisso com populações culturalmente marginalizadas (COSTA, 1999, p.9).

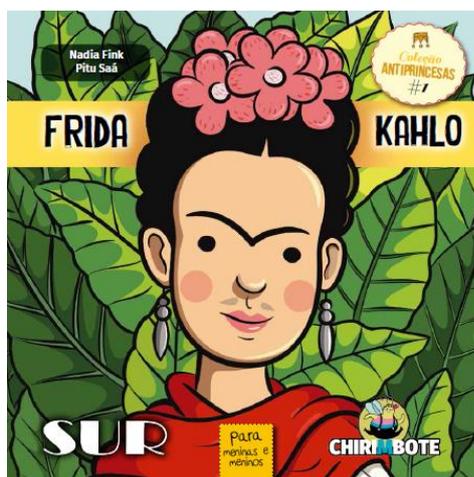
Segundo Meyer (2003) os sujeitos aprendem desde crianças a reconhecer e ocupar seu lugar em sociedade, por meio de estratégias que não estão explícitas, por vezes naturalizadas e que são difíceis de reconhecer. A autora trabalha com o conceito de pedagogias culturais, o qual poderia ser uma ramificação dos Estudos Culturais, se especificando no tripé escola/família/sociedade.

[...] se tem trabalhado com o conceito de pedagogias culturais, que decorre, exatamente, da ampliação das noções de educação e de educativo, e com ele se pretende englobar forças e processos que incluem a família e a escolarização, mas que estão muito longe de se limitar a elas ou, ainda, se harmonizar com elas. Entre essas forças estão, como me referi, os meios de comunicação de massa, os brinquedos e os jogos eletrônicos, o cinema, a música, a literatura, os chamados grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade [...] (MEYER, 2003, p. 22).

De acordo com Meyer (2003), a literatura juntamente com os outros meios de comunicação, possibilita que sejam produzidas reflexões e atitudes acerca das identidades dos seus personagens, particularmente nos livros, podendo refletir no dia-a-dia destes leitores.

Com base na perspectiva dos estudos culturais, este trabalho pretende responder a questão: “O que as Antiprincesas ensinam sobre identidades femininas?”. Para isto, alguns livros da Coleção intitulada como Antiprincesas⁵, foram analisados. Esta coleção é composta por seis livros, que descrevem a história de: Alfonsina Storni, Clarice Lispector, Frida Kahlo, Juana Azurduy Gilda e Violeta Parra. Nesta linha existe também a Coleção Anti-heróis, da mesma editora, que é composta por quatro livros, que descrevem a história de Júlio Cortázar, Eduardo Galeano, Che Guevara e Gauchito Gil. Contudo, para a presente análise, foram selecionados três livros da Coleção Antiprincesas, sendo eles: o livro sobre Frida Kahlo escrito por Nadia Fink e Pitu Saá em 2015 (Figura 1); o livro sobre Violeta Parra escrito por Nadia Fink e Pitu Saá em 2016 (Figura 2); e o livro sobre Clarice Lispector escrito por Nadia Fink e Pitu Saá em 2016 (Figura 3).

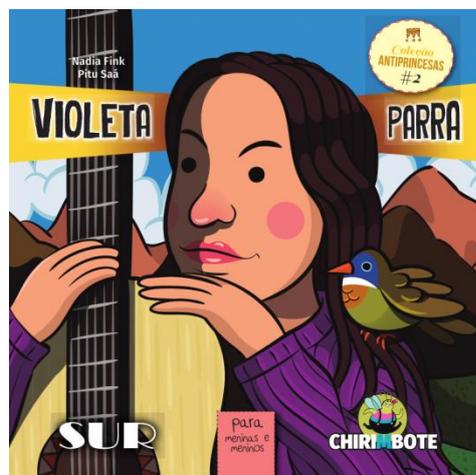
Figura 1 – Capa do livro: Frida Kahlo de Fink e Saá (2015).



Fonte: Fink e Saá (2015).

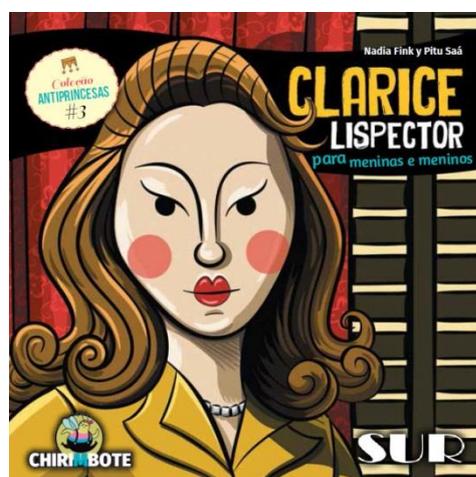
⁵ Nadia Fink e Pitu Saá - Editora Sur Livro – Florianópolis-SC /Chirimbote – Argentina, 2015.

Figura 2 - Capa do livro: Violeta Parra de Fink e Saá (2016a).



Fonte: Fink e Saá (2016a).

Figura 3 - Capa do livro: Clarice Lispector: para meninas e meninos de Fink e Saá (2016b).



Fonte: Fink e Saá (2016b).

3.1 QUEM SÃO ESTAS ANTIPRINCESAS? QUAL A SUA HISTÓRIA?

Cada indivíduo tem a sua história, a sua vida, que é particular, não é igual à de nenhum outro indivíduo. Cada pessoa é marcada pela sua trajetória, suas memórias, que pode ser marcada por diversos fatores: alegria/tristeza,

fracasso/vitória, pobreza/riqueza, solidão/companhia, entre tantos outros sinônimos e antônimos.

Mas o que difere estas personagens destes livros das outras pessoas? Para ajudar a responder esta pergunta, segue uma breve história de cada personagem.

3.1.1 Frida Kahlo

Frida Kahlo (Figura 4) é conhecida como uma das maiores artistas do México. Frida é filha de mãe espanhola e pai alemão, foi batizada com o nome de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, nasceu na cidade de Coyoacán, no México, em 06 de julho de 1907 (QUEZADA, 2017). Aos seis anos de idade contraiu poliomielite o que deixou uma sequela em seu pé. Aos 18 anos de idade Frida sofreu um acidente de ônibus e teve uma perna amputada, após passar um longo tempo no hospital em tratamento (FRAZÃO, 2016).

Figura 4 – Foto de Frida Kahlo.



Fonte: Quezada (2017).

Mesmo deprimida e não podendo andar, passou a pintar sua imagem com a ajuda de um espelho que colocava em sua frente. De 1922 a 1925 estudou desenho

e modelagem na Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México. Em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Mexicano. No ano seguinte, casou-se com o pintor mexicano Diego Rivera, também filiado ao Partido Comunista.

Em 1930, Frida foi com o marido para os Estados Unidos, onde chamava atenção devido suas roupas extravagantes e coloridas, seus gestos, enfeites e também pelos seus risos. Dedicou-se a pintura, a maioria delas, seus autorretratos, com grande inspiração surrealista.

Já separada do marido, em 1939 foi para Nova York onde fez sua primeira exposição individual, sendo sucesso de crítica. Logo depois foi para Paris expor suas obras. O Museu do Louvre adquire um de seus autorretratos e Frida entra em contato com Pablo Picasso.

Frida não parava de pintar, mesmo depois de ter passado por diversas cirurgias e também usar colete de gesso, em consequência do acidente. Usava nas pinturas cores fortes e vivas, assim como suas roupas. Pintava cenas imaginárias e paisagens mortas e sua obra recebia influência da arte indígena mexicana.

Lecionou artes na Escola Nacional de Pintura, no ano de 1942 e foi uma grande defensora dos direitos das mulheres. Foi em sua Casa Azul, no México, onde viveu seus últimos anos, deprimida, até que veio a falecer, no ano de 1954 (FRAZÃO, 2016).

3.1.2 Clarice Lispector

Escritora e jornalista, Clarice Lispector (Figura 5) nasceu em 1920 na Ucrânia. Em 1922, sua família de origem judaica, emigraram para a cidade de Maceió, no Brasil, para morar com sua tia.

Figura 5 – Foto de Clarice Lispector.



Fonte: O Estado de S. Paulo (2017).

Em 1925, ela juntamente com sua família muda-se para Recife, onde aprendeu a ler e escrever muito cedo e estudou inglês e francês. No ano de 1937, muda-se com seu pai (sua mãe havia falecido quando Clarice tinha apenas nove anos de idade) para o Rio de Janeiro, mais precisamente no Bairro da Tijuca. Ingressa no curso de Direito e aos 19 anos publica seu primeiro conto “Triunfo”, no seminário Pan. Em 1943, Clarice forma-se em Direito e casa com seu amigo Maury Gurgel Valente. Neste ano, estreou também na literatura com o romance “Perto do Coração Selvagem”.

Clarice viajou pelo mundo, acompanhando seu marido que era diplomata, morando na Inglaterra, Estados Unidos e Suíça. Em 1949 na Suíça, nasce seu primeiro filho e em 1953 nasce seu segundo filho, nos Estados Unidos. No ano de 1959, Clarice se separa de seu marido, voltando para o Rio de Janeiro, acompanhada de seus filhos. Logo começa a trabalhar em jornais, assumindo colunas femininas.

Em 1966, ela sofre diversas queimaduras no corpo e na mão, enquanto dormia com um cigarro aceso. Clarice escreveu diversas obras premiadas, uma dessas obras sendo adaptada para o cinema, dirigida por Suzana Amaral em 1985, conquistando os melhores prêmios de festival de cinema de Brasília. Clarice morreu

de câncer no dia 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, segundo Frazão (2017).

3.1.3 Violeta Parra

Nascida em 1917, Violeta del Carmen Parra Sandoval (Figura 6) foi compositora, cantora, artista plástica e ceramista, considerada a mais importante folclorista e fundadora da música popular do seu país, o Chile.

Figura 6 – Foto de Violeta Parra.



Fonte: Quirarte (2017).

Violeta nasceu em uma família numerosa, na cidade de San Fabián de Alico. Seu irmão Nicanor era conhecido como o anti-poeta, em oposição a Pablo Neruda. O amor de Violeta pelas raízes de seu país veio de seu outro irmão, Roberto que era folclorista.

Desde muito jovem, Violeta fazia apresentações musicais juntamente com seus irmãos para ajudar no sustento de sua família. Iniciou-se na política em 1944, juntamente com seu marido que era ativista comunista. No ano seguinte, acompanhada de seus filhos, Violeta começou a cantar em uma confeitaria elegante de Santiago. No ano de 1948, separou-se de seu marido Luis Cereceda e, no

mesmo ano, gravou o primeiro disco com sua irmã Hilda, intituladas de “Las Hermanas Parras”.

No ano de 1950, encorajada por seu irmão Nicanor, iniciou suas pesquisas acerca da autentica música chilena, percorrendo o país pesquisando, cantando e compondo. Aprendeu a tocar “guitarrón”, instrumento tradicional do país. Fez duas viagens para a Europa, uma nos anos 1955 para se apresentar na Polônia e outra em 1960, para participar de um festival. Passou pela União Soviética, Alemanha, Itália e França.

Casou-se novamente com Gilbert Favre, mas anos depois, separam-se. Violeta tentou reatar, mas ele já havia se casado. Em 1967 suicidou-se com um tiro na cabeça. Além de deixar dois filhos, Isabel e Angel, ficou conhecida também como a mãe da Nova Canção Chilena. Intensa, tanto na arte, como na vida (MERTEN, 2017).

3.2 A DESCOBERTA DO NOVO

Novas histórias, contos e coleções são lançados com muita frequência. Direcionada a determinado público, abordam temas relevantes em sociedade, promovendo reflexões acerca do conteúdo e de suas representações.

Conheci a Coleção Antiprincesas durante uma conversa com a minha professora orientadora, logo no início da minha escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso. Fazendo uma busca pela coleção na Internet, fiquei encantada com as cores e os desenhos que compõem a capa e o interior de cada um dos livros.

Juntamente com o título do livro, as ilustrações são responsáveis por criar expectativas do leitor pelo livro. As ilustrações desta Coleção Antiprincesas são bem coloridas, sendo desenhadas de uma forma diferente, com “riscos” totalmente diferentes do que se vê em outras literaturas, como também nos contos de fadas (quando presentes). As ilustrações de capa correspondem à imagem das respectivas personagens. Segundo Duarte (2013):

Não há como negar o papel sedutor da ilustração no livro de literatura infantil. Contudo, seu desempenho vai além da sedução, do encanto, porque ela também diz e imprime materialidade a palavra, tornando-a mais acessível ao leitor, ou seja, atuando como elemento mediador na apropriação do simbólico [...] (RAMOS; PANOZZO, 2012, p.36 apud DUARTE, 2013, p. 10).

As ilustrações que compõem o decorrer da história ilustram situações da vida das personagens. Em certas páginas, existem fotos reais de lugares, pessoas e também reproduções de obras (esses reformulados em desenhos, como o da capa) que são citadas na história. As ilustrações não só correspondem as narrativas, mas também surpreendem pela qualidade e pela escolha destas ilustrações, pois representam momentos considerados importantes pelo autor do livro.

No primeiro momento, realizei uma leitura deleite dos três livros selecionados. Logo neste primeiro movimento já pude perceber determinados contextos, nas quais as três “personagens” estavam inseridas. Os contextos que pude identificar em cada um dos livros foram:

- Contextos socioculturais;
- Características físicas e emocionais;
- Marcas de suas produções artísticas.

Em um segundo momento, realizei uma leitura um pouco mais cautelosa, a fim de identificar a maior quantidade de fatos presentes nos livros, que se encaixam nos contextos citados acima. Organizei estes fatos em um quadro análise (ANEXO 1). Finalizado esta etapa de distribuição de fatos para seu respectivo contexto, passei a procurar palavras, expressões recorrentes que aparecem neste quadro, visando identificar similaridades nas experiências de vida das personagens.

Esta atitude de analisar e identificar os fatos presentes nos livros, nada mais é do que “olhar com outros olhos” e que, de acordo com Costa (2007, p.16) “Os ‘novos olhares’ dizem respeito a essas novas – ou talvez seja melhor dizer *incomuns* – formas de conceber um tema como problema de investigação”.

Nos próximos capítulos, irei problematizar a fim de encontrar possíveis respostas para o meu problema de pesquisa, a partir das similaridades encontradas no quadro análise. Será trazido para a esta escrita, reflexões acerca do papel da mulher, além de identificar o que estes livros estão ensinando sobre ser menina/mulher nos dias atuais, articulando com pensamentos de autores que abordam a discussão sobre gênero e o lugar da mulher na sociedade.

4 O QUE AS ANTIPRINCESAS “ENSINAM” SOBRE IDENTIDADES FEMININAS?

Neste capítulo, após a identificação das similaridades na vida das personagens a partir do quadro de contextos, pretende-se trazer interpretações das análises encontradas nas obras da Coleção Antiprincesas, fundamentadas em teóricos que estudam as questões de gênero, identidade e representações.

Revedo o quadro e as aproximações dos enunciados registrados, surgiram novos agrupamentos que davam “pistas” sobre o que as identidades femininas nelas representadas. Com isso, percebendo que teria potencial para realizar inúmeros cruzamentos ou reagrupamento dos achados, pensou-se em fazer três unidades de análise. Contudo, devido aos limites da pesquisa, ouve a necessidade de limitar em apenas duas, embora entende-se que existe a possibilidade de ir muito além das discussões produzidas a partir das obras.

A seguir apresento as duas unidades de análise denominadas: Mulheres como protagonistas de suas próprias histórias; e Felizes para sempre? Títulos elaborados considerando os enunciados do material analisado, procurando dar sentido ao que estavam “ensinando” e, ao mesmo tempo, provocando a reflexão em relação às identidades femininas nas obras representadas.

4.1 MULHERES COMO PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS

Segundo Louro (1998) ao longo dos séculos, o gênero masculino constituiu-se em determinadas culturas como sendo o “1° sexo”. Segundo a mesma autora, sendo atribuídos a este gênero características consideradas “melhores” para aquela época, como o mais forte, o mais inteligente e que, devido a isso, seria o responsável em trazer o sustento para a sua família. Enquanto isso, a mulher, não possuindo esses atributos, era considerada o 2° sexo, sendo responsável assim, pelos trabalhos menos pesados, como afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos. Marodin (1997) destaca que:

O papel de gênero é, então, o conjunto de expectativa em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas de determinado sexo. A estrutura social é que prescreve uma série de funções para o homem e para a mulher, como próprias ou “naturais” de seus respectivos gêneros. Essas diferem de acordo com as culturas, as classes sociais e os períodos da história. (MARODIN, 1997, p.9-10).

Esses exemplos de relações entre os gêneros nas culturas são aprendidas em algum momento da nossa vida. A família, como sendo parte da sociedade, acaba por ser o nosso primeiro exemplo de relação entre homem e mulher. É neste contexto familiar que nos são ensinadas regras básicas de comportamento e de convivência, determinando, muitas vezes, nossa forma de se relacionar com as outras pessoas e também de como viver em sociedade.

A maioria destas categorizações, estabelecidas pela sociedade, é transmitida via família, pois é a fonte fundamental de transmissão de normas e valores da cultura, ensinando aos indivíduos o que significa ser masculino ou feminino a partir do nascimento. (MARODIN, 1997, p.10).

Assim como cada indivíduo não é igual aos outros, seja fisicamente ou no modo de pensar, as famílias também se constituem dessa mesma forma, diferentes umas das outras. Cada família é responsável pela educação de seus filhos, baseada em determinada cultura, que pode ser diferente dependendo do contexto onde se encontra e também do tempo histórico que se passa.

Sabemos que os ensinamentos que são passados para as meninas e para os meninos são diferentes, mesmo pertencendo a mesma família. Para o menino, por vezes é atribuída a questão da força, da agilidade, da coragem. Já para as meninas, a cortesia, a paciência, os cuidados da casa e o cuidado em relação aos outros da família sempre estão presentes na maioria dos ensinamentos de seus pais para suas filhas. Para Felipe e Guizzo (2003):

Também não podemos deixar de considerar que o corpo tem sido dividido e demarcado através das expectativas que se colocam sobre ele, conferindo-lhe maior ou menor status, especialmente quando se trata de defini-lo e situá-lo em função do sexo. Corpos masculinos e femininos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma. Há uma tendência a hierarquizá-los, a partir de suas diferenciações mais visíveis e invisíveis. Em nossa cultura os corpos constituem-se no abrigo de nossas identidades (de gênero, sexuais e de raça). Desde muito cedo, até mesmo antes de nascermos, somos investidos de inúmeras expectativas, em função de nosso sexo - meninos ou meninas - e da nossa condição social, dentre tantas outras. (FELIPE; GUIZZO, 2003, p.124).

Os manuais de comportamento, teoricamente, começaram a ser usados a partir da invenção da infância e que, segundo Sostisso (2009), prescreviam para meninas e meninos formas diferentes de se portar em sociedade. Mas esses manuais, se pararmos para pensar, já existiam muitos séculos antes, mas apenas de forma oral, passado de geração para geração.

Como os contos infantis foram criados por Perrault, a partir de tradições orais passadas de geração para geração, se tornaram também uma forma de educar as crianças para a cultura da época. Muitos anos se passaram e a sociedade sempre esteve em transformação, mas estes contos ainda são muito usados atualmente, mas sem nenhuma mudança, trazendo as problematizações sobre gênero para os dias atuais.

A maioria dos contos de fadas traz a mulher no papel de inocente, dona de casa, que nunca teve um relacionamento com nenhum outro homem e que sonha em se casar. Com isso, nos contos infantis, a figura masculina se torna o grande salvador da menina/mulher, sendo responsável por resgata-la da torre mais alta, salva-la do lobo-mau e também de encontrar o sapato de cristal, além de ser associado ao responsável pela sua felicidade.

Relendo alguns contos⁶ infantis mais populares, como Cinderela, A Bela Adormecida, A Pequena Sereia e Branca de Neve e os Sete Anões, percebe-se grandes semelhanças na personalidade feminina das personagens. Ao longo das histórias, é comum aparecerem adjetivos como bela jovem, adorável e bondosa, referindo-se a personagem principal da história. Em relação as vilãs destas histórias, percebe-se que elas são nomeadas com adjetivos relacionados a uma má conduta, como invejosa, maldosa, sendo representada por figuras de nariz grande, roupas compridas, cabelos despenteados e olhos enraivecidos.

A representação do homem nestas histórias, na grande maioria das vezes, gira em torno de uma figura corajosa, que desbrava o mundo e explora lugares. Uma figura que passa confiança, tendo a confiança do rei e da rainha e também de príncipe e belo, ao ser sempre a pessoa que salva a figura feminina, levando-a para viver em seu castelo, representando uma figura de proteção para o sexo mais frágil, a mulher.

“O príncipe pediu que os anões lhe dessem o caixão, com a promessa de que ele cuidaria de Branca de Neve”.

MARSCHALEK e VELMA (2011) - *Branca de Neve e os Sete Anões*.

⁶ Estes contos citados são da Coleção “Contos Clássicos Favoritos”, da Editora Todolivro. 2011.

Na Coleção Antiprinçasas, podemos dizer que não existem as princesas convencionais, apesar do nome dado à coleção. As personagens das histórias – Frida, Clarice e Violeta – foram mulheres reais, mas que viveram suas vidas seguindo o que elas acreditavam e sentiam, independente da figura masculina estar em suas vidas ou não.

Frida, desde muito pequena, já mostrava sua personalidade forte e revolucionária. Estudou em uma escola onde o índice de estudantes mulheres era muito baixo, 35 meninas e 2.000 meninos. Foi zombada pelos seus colegas durante o ensino fundamental, mas na preparatória, seus colegas já a viam com outros olhos: divertida, engenhosa, inteligente e rebelde. Nota-se que nos contos infantis clássicos, estes adjetivos não estão presentes nas histórias, apenas aqueles que podemos relacionar com a beleza externa de uma pessoa.

Ela, ao tirar fotos com suas irmãs, gostava de se vestir de terno, o que causava irritação em sua mãe:

“Frida rebelde desafiava sua mãe que lhe dava bronca por seus atrevimentos”.

FINK e SAÁ (2015) p.8 – Frida Kahlo.

Nos contos clássicos, as mulheres presentes nas histórias se vestem com roupas bonitas, vestidos com volumes, cabelos sempre arrumados e sapatos de salto. Devemos ter em mente que naquela época a vestimenta feminina era essa, sendo essas histórias que representavam aquela época. Com o passar dos séculos, as mulheres conseguiram o direito de vestir calças e camisas, roupas que sempre foram consideradas masculinas. Mas tanto a parte escrita como os desenhos não foram reformulados para a nossa época, trazendo para as crianças uma falsa ilusão, de que a vestimenta adequada para as meninas são os vestidos e sapatos de salto.

Precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade “normal” e de todas as formas culturais a ela associadas; prestar atenção às estratégias que são mobilizadas para marcar as identidades “diferentes” e aqueles que buscam superar o medo e a atração que nos provocam as identidades “excêntricas”. (LOURO, 2003, p.51).

Essas identidades denominadas “normais” ainda estão muito presentes na literatura infantil em geral. Mesmo com o lançamento de novas histórias, ainda é muito frequente ver personagens com as mesmas características: branca, de olhos claros ou escuros, com corpos magros e cabelos lisos e sedosos, que já não cabem mais na realidade de hoje. Leitores que não se encaixam nestes perfis “normais” acabam se frustrando, por não se reconhecerem nestes perfis.

Frida, Clarice e Violeta rompem com o estereótipo estético das princesas representadas nos clássicos. Elas não possuem um corpo magro, nem uma beleza estereotipada como “capa de revista”. Pelo contrário, Frida deixava o bigode crescer (característica masculina), usava roupas muito coloridas e que muitas vezes não combinavam. Clarice era dona de um rosto excêntrico, diferente de todas as outras. Não conseguia falar português muito bem, devido a sua língua presa, detalhes estes que não a impediram de ficar conhecida pelo mundo inteiro. Violeta tinha uma beleza particular do Chile, vestindo-se também com roupas colorida e responsável por levar alegria por onde passava.

Violeta nasceu em uma família onde a música sempre esteve muito presente. Foi autodidata, aprendendo a tocar violão vendo seu pai tocar e aprendeu a cantar observando sua mãe. Mudou-se sozinha para a cidade de Santiago, em busca de seu sonho: trabalhar e cantar.

Naquela época, bares não eram muito recomendados para as mulheres, pois não era muito bem visto uma mulher ir beber ou então frequentar espaços públicos sem a companhia de um homem. Mas isso não era problema para Violeta, que cantavam nestes bares juntamente com sua irmã Hilda, e nem para Frida, que frequentava os bares com uma amiga. Essas mulheres, como tantas outras, enfrentaram olhares de censura por grande parte do contexto social em que estavam inseridas, apenas por não estarem na companhia de um homem. Nos dias atuais, observa-se mudanças em relação aos comportamentos femininos, sendo independentes dos masculinos, mas ainda existe resistência, principalmente de gerações mais antigas.

Com o passar dos anos, mudanças acerca da liberdade da mulher dentro da sociedade ocorreram, intervindo não somente na vida da mulher, mas também na vida do homem.

[...] essas mudanças [...] não deixam de ser perceptíveis no cotidiano de homens e mulheres, em especial quando se verifica que já não se aceita mais com a mesma naturalização a submissão que sistematicamente vinha caracterizando a vida das mulheres. (PRÁ, 1997, p.42).

Essas mudanças culturais já ocorriam sutilmente no século XX, com as atitudes e ideias das “Antiprincesas”. Clarice foi uma autora com muita personalidade, escrevendo seus pensamentos e certezas em suas histórias. Diferenciava-se dos outros autores, pois não gostava de dar entrevistas a jornalistas e era considerada uma estranheza para a literatura brasileira, pois sua escrita não tinha regras e estava fora dos gêneros literários comuns.

“Sou uma mulher que escreve porque, para mim, escrever é como respirar. Talvez por isto eu não goste de falar dos meus livros. Tudo o que eu tinha a dizer está neles. Acredito na interpretação de cada leitor. [...] Eu me considero uma amadora porque não sei escrever por obrigação. Só consigo escrever por inspiração. Odeio a popularidade, é algo pernicioso para escritores”.

FINK e SAÁ (2016) - Clarice Lispector.

Diferente das princesas dos contos infantis, na vida das Antiprincesas também existiram momentos desagradáveis e tristes. Momentos trágicos na qual as vidas de Frida e Clarice foram marcadas permanentemente.

Frida, quando adolescente, sofreu um acidente de ônibus, que resultou em meses deitada em uma cama e muitos ossos quebrados. Para passar o tempo, pois estava entediada e depois para mostrar as coisas de outra forma, passou a pintar e a ser sua própria modelo, sendo sua própria fonte de inspiração. Pintava também animais para que acompanhassem sua solidão.

Já Clarice adormeceu com um cigarro aceso e seu quarto acabou pegando fogo. Tentando salvar seus papéis, sua mão direita queimou muito e suas pernas também. Mesmo assim, Clarice continuou fazendo suas anotações à mão.

Nas histórias das princesas Frida e Clarice, não houve nenhum príncipe montado em cavalo branco para resgata-las desta situação. Reergueram-se com muita força de vontade e com a ajuda de seus familiares, para continuarem a se dedicar a arte. Além disso, as duas participavam de protestos contra o governo e

também a repressão, onde Frida lutava por melhores salários e oportunidades para as mulheres no México, e Clarice contra a repressão e a ditadura, aqui no Brasil. Segundo Guimarães (1997):

É possível afirmar que a igualdade se garante quando ela existe a partir de um sentimento pessoal, de identidade construída internamente. Somente a partir daí se aprende a conquistar a igualdade no espaço público. (GUIMARÃES, 1997, p. 36).

Frida e Clarice não tinham esse sentimento de diferença em relação ao sexo masculino. Com suas atitudes, demonstravam que a igualdade não depende exclusivamente da sociedade, e sim das ações e pensamentos das mulheres que vivem nesta determinada sociedade.

Já Violeta seguiu outro caminho, mas também com representações marcantes sobre a identidade feminina. Ela percorreu o Chile em busca de músicas tradicionais, cantando a realidade de seu povo e animando os povoados por onde passava. Teve seu próprio programa de rádio e até hoje é considerada uma cantora muito importante para o Chile. Tornou-se referência em um “mundo” que era habitado majoritariamente por homens, conquistando seu espaço com talento e simplicidade.

“Eu não vim para me exhibir. Quero cantar e ensinar uma verdade, quero cantar porque o mundo sofre e está mais confuso do que eu mesma...”

FINK e SAÁ (2016), p. 20 - Violeta Parra.

Seja cantando, pintando ou escrevendo, essas mulheres nos propõem reflexões acerca de jeitos de ser protagonista de sua própria história. Conhecendo mais profundamente a vida dessas Antiprincesas, acredito que elas nos ensinam sobre as diversas possibilidades da identidade feminina, problematizando situações que, normalmente, passam despercebidas pelos olhos da sociedade. Louro (2008) nos diz que:

Há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase *Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato

único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção. Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura. (LOURO, 2008, p. 17).

Com base no trecho acima, entendemos que é a partir das nossas experiências ao longo da vida que nos formamos como mulher. Assim como na vida da maioria das mulheres, a vida das Antiprincesas também é marcada por vários fatos que pertencem a vida “real”, como as tragédias, os desafios, o trabalho, os amores e também os desamores, tornando-as responsáveis pelas próprias histórias.

Mas, o que as Antiprincesas ensinam sobre as identidades femininas? Essas “princesas” nos ensinam que apesar de todos os percalços que podem ocorrer durante a vida, assim como o acidente com Frida e Clarice, é possível encontrar formas de superação e produzir a partir da própria história artefatos culturais que tornam-se fontes de inspiração. Ensinam também que a mulher pode viver a vida que desejar, em igualdade de gênero, tanto no âmbito do trabalho como no âmbito social.

Ou seja, as Antiprincesas apresentadas nessa coleção foram mulheres reais, que inspiram pela forma em que viveram e com seus pensamentos que sim, as mulheres podem e devem ser protagonistas de sua própria vida, seguindo seus desejos e ideais.

4.2 FELIZES PARA SEMPRE?

Na busca por mais “pistas” sobre a representação da identidade feminina nas obras, esta pesquisa trouxe o questionamento sobre como a mulher vive e como ela se vê na sociedade. A mulher, ao longo dos séculos, em grande parte das culturas, foi estimulada a viver e a aceitar a ideia de submissão, exercendo como função principal dona de casa, o que a levava a ter um marido e conseqüentemente a ser mãe e, ainda ter como desafio ser considerada pela sociedade uma boa mãe.

A compreensão do problema passa por uma análise interdisciplinar, através dos conhecimentos fornecidos pela história, sociologia, economia, psicologia, antropologia. Essa ciência informa como deu a fixação da mulher no espaço privado do lar e a saída do homem para o espaço público: desde que as tribos deixaram de ser nômades, com o aumento da população e a conseqüente escassez de alimentos, o homem passou a caçar grandes animais e a participar de guerras na defesa do território, enquanto as mulheres cuidavam dos filhos, semeavam e colhiam cereais. Também

começou a haver sobra de alimentos, surgindo o comércio e o acúmulo de patrimônio. Possivelmente, o desejo de transmitir esse patrimônio a herdeiros legítimos fez com que o homem desejasse apropriar-se da mulher para ter certeza de sua sucessão. A família patriarcal, a partir do interesse econômico, desvalorizou a mulher, confinando-a no espaço privado do lar, quase como propriedade do marido, levando à construção de uma identidade psicológica de submissão, atavicamente transmitida de geração em geração. (GUIMARÃES, 1997, p. 31).

Ao longo dos tempos, o sexo feminino foi visto sempre em função do sexo masculino. De acordo com Marodin (1997) durante a Revolução Industrial, a casa passou a ser responsabilidade da mulher e o trabalho fora de casa de responsabilidade dos homens, dividindo a sociedade em duas ideologias: a privada e a pública, respectivamente. Com isso, a evolução do âmbito masculino e feminino tiveram evoluções desiguais, pois as mudanças consideradas significativas ocorreram, em grande maioria, no espaço público. Ainda segundo Marodin (1997):

As mudanças ocorridas no pensamento da era atual modificaram o imutável para o mutável, descentralizaram o indivíduo, incluíram a probabilidade, o princípio da incerteza, possibilitando o repensar dos papéis e das relações entre homem e mulher, colocando em discussão a validade das verdades anteriores. (MARODIN, 1997, p. 12).

De acordo com Marodin (1997), as duas guerras mundiais abriram espaço para a participação da mulher nos espaços laborais (trabalho público), que eram considerados masculinos. Essa iniciação da mulher nos espaços masculinos só foi possível devido ao aparecimento dos eletrodomésticos, dos alimentos congelados, das lavanderias e também das creches, que desempenhavam o trabalho privado (destinado ao sexo feminino). As pílulas anticoncepcionais, oriundas do avanço científico, trouxeram mais liberdade na questão de controle do corpo feminino e da gravidez. No ano de 1988, na Constituição, o divórcio surge como uma realidade, promovendo mais liberdade nas uniões, tanto para homens como para mulheres.

Salienta-se que as mudanças que vêm ocorrendo, na sociedade civil brasileira, determinaram que a Constituição de 1988 introduzisse alterações importantes quanto à relação entre homens e mulheres. No que se refere a esse tema, a Constituição preocupou-se, fundamentalmente, com a questão da isonomia, a qual introduziu a igualdade como princípio geral. Todos foram considerados iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Os direitos decorrentes da sociedade conjugal passaram a ser igualmente reconhecidos para homens e mulheres, sendo definido que a chefia familiar deve ser compartilhada entre ambos os sexos. Também foram proibidas diferenças de salários, de exercício de profissão e de critérios de admissão ao trabalho por motivo de sexo. (PETERSON, 1997, p. 21).

Observa-se que construiu-se um avanço perante as leis, onde as mulheres conseguiram se desvincular, em grande parte, da submissão dos homens. Mas de acordo com Peterson (1997), observa-se que não existe igualdade concreta, evidenciada no dia-a-dia.

Infelizmente, mesmo com esses avanços conquistados pelas mulheres, ainda existe uma ideia de submissão presente em nossa cultura, onde a mulher deve também “servir” ao sexo masculino. Muitas meninas são educadas em famílias que acreditam que a mulher precisa de um marido para ser feliz, e para ser bem vista em sociedade. Este trabalho não tem como objetivo julgar quem tem o sonho de se casar e constituir uma família, apenas deseja-se que as mulheres reflitam se a ideia do casamento é um desejo pessoal (sem influência de ninguém), ou é uma pressão imposta pela sociedade, para corresponder a determinados papéis sociais.

Foi ensinado sistematicamente a mulher que ela deveria ser uma excelente dona-de-casa e incansável mãe de seus filhos, ao invés de qualquer outra identidade possível, estimulando o trabalho “invisível”. A mulher sexual e a mulher profissional eram ignoradas, pois seu trabalho, além de não ser valorizado, não era remunerado, ficando assim excluída de ganhos econômicos. (MARODIN, 1997, p.12).

Este trabalho traz essa reflexão, pois além de vivermos em uma sociedade que ainda acredita que as mulheres apenas se realizam no casamento, sendo donas do lar. Sociedade que ainda utiliza artefatos que contribuem para esses pensamentos, como a mídia, a literatura e os espaços sociais.

A maioria dos contos infantis traz o matrimônio como sendo a conclusão de uma história feliz. A princesa, que se mete em apuros, é resgatada e salva pelo príncipe, que lhe dá um beijo, se casam e *vivem felizes para sempre*. Além disso, o papel exercido pela mulher, em sua grande parte, é relacionado ao cuidado da casa, como na história de Cinderela, ou então a abrir mão de sua família, como na história da Pequena Sereia.

“O Rei do Mar, que estava observando a luta do príncipe pelo seu amor, decidiu transformar sua filha sereia em uma bela garota”.

MARSCHALEK e VELMA (2011) - A Pequena Sereia.

“Assim, Cinderela saiu da cozinha e experimentou o sapatinho.”

MARSCHALEK e VELMA (2011) - Cinderela.

Se para as princesas do conto de fadas a felicidade vinha montado em um cavalo, para as Antiprincesas, a realização pessoal se constitui de outras maneiras, em outro sentido.

Frida se casou não apenas uma vez, mas duas vezes e ainda por cima com o mesmo homem. Mas seu sonho de vida não era se casar. Posso dizer que conheceu seu futuro marido, Diego Rivera (artista consagrado), por causa de suas obras, já que queria uma opinião de outro artista sobre elas. Diferente dos contos infantis, o relacionamento de Frida e de Diego não se restringia apenas a eles. Tanto ela como ele, se relacionavam com outras pessoas, mesmo estando juntos. Frida se relacionava sexualmente inclusive com mulheres.

Os contos infantis estabelecem estereótipos de papéis relacionados ao homem e a mulher e também sustentam modelos de família, consideradas “naturais”. De acordo com Louro (1997):

O modelo normal é a família constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Essa forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como natural. Processa-se uma naturalização – tanto da família como da heterossexualidade – que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade. (LOURO, 1997, p. 133-4).

Existem diversas formas de constituir e de viver em família dentro de nossa sociedade. Os contos infantis negam e ocultam por exemplo as relações homoafetivas, transmitindo aos leitores que apenas aquele modelo de família é tido como “natural” e aceito pela sociedade. Da mesma maneira, o papel do gênero feminino na relação entre homem e mulher se constitui, muitas vezes, no abandono dos desejos femininos para a satisfação e submissão dos desejos masculinos, ação que também é por vezes naturalizada pela cultura.

Uma das Antiprincesas lidou com certas tentativas de submissão de seu marido, na tentativa de torna-la então, apenas dona de casa. Violeta conheceu seu marido enquanto trabalhava, cantando em um bar. Mas Luís, então seu marido,

queria que Violeta largasse seu sonho de cantar e sua arte para que ficasse em casa com seus filhos.

Mas um dia, Luis, que queria uma esposa que ficasse em casa, disse-lhe: “Se você continuar com a arte, vou embora para sempre”

E ela não o reteve. Assim sendo, Violeta ficou com seu amigo violão mais Isabel e Ángel.

FINK e SAA (2016), p.14 - Violeta Parra.

Violeta por amar sua profissão e sua arte, não cedeu para Luis sua liberdade. Acreditava que conseguiria sustentar seus filhos e ser feliz com eles, sem a necessidade da figura masculina.

Refletindo sobre a trajetória desta artista, nos dias atuais muitas mulheres deixam de seguir seus sonhos, seus desejos, para satisfazer a vontade de seu companheiro? Existem ainda mulheres que acreditam que seu marido é responsável pela sua felicidade e pelo seu sustento, acreditando ser incapaz de alcançar seus desejos sozinha? Para Marodin (1997):

É difícil, para algumas mulheres, renunciarem à ideia de que deveriam ser economicamente mantidas pelos homens e de que necessitam de um homem para que suas vidas sejam satisfatórias econômica, social e emocionalmente. Muitas mulheres responsabilizam o homem como o personagem que impede a transformação desse modelo, mas acredito que nesse movimento estão inseridas as próprias dificuldades da mulher em se emancipar [...]. (MARODIN, 1997, p.15.).

Relembrando o que já foi citado anteriormente neste subcapítulo, muitas meninas crescem em famílias onde a cultura é de submissão em relação ao sexo masculino, na qual o sexo feminino é responsável pelos afazeres domésticos, acompanhados de uma rígida educação para viver em sociedade. Com todas essas restrições, mulheres tornam-se dependentes da figura masculina, que quando criança é representada pelo pai e ao crescerem, é substituído pelo namorado/marido. Como a mulher cresce com essa dependência, acaba internalizá-la, torna-se muito difícil mudar as ações relacionadas a submissão na vida adulta. De acordo com Strey et al. (1997, p.72) “Dar prioridade aos projetos de vida próprios comporta seguidamente um forte conflito pessoal que se traduz em culpabilizações”.

Clarice foi outro exemplo de mulher que não abandonou seu sonho pelo marido. Foi morar com ela fora do Brasil, mas enquanto cuidava de seus filhos, atendia o telefone e com a máquina de escrever no colo, escrevia seus contos, como é possível observar na Figura 7:

Figura 7 – Imagem do livro representando Clarice escrevendo seus contos.



Fonte: Souza (2017).

Como estava com saudade do Brasil, resolveu voltar, sem seu marido, apenas com seus filhos. Assim como Violeta, Clarice também teve que enfrentar muitas dificuldades neste reinício da vida para sustentar seus filhos e dar boas condições de vida para eles.

*Companhia não lhe faltava: tinha um monte de amigas e amigos, sua família e sua amada escrita... Ah, e centenas de pretendentes que queriam se casar com ela. Mas sabe o que ela lhes dizia? Que não tinha nascido para se casar. E falava de dar ouvidos **aos próprios desejos**.*

FINK e SAÁ (2016) - Clarice Lispector.

Frida, Violeta e Clarice foram grandes mulheres, que seguiam seus desejos e não esperavam a aprovação de ninguém. Transmitiram todas as suas dores, suas conquistas, suas realizações através da sua arte. Não aceitaram tudo o que lhes fora imposto para salvar seu casamento... E então puderam ter um final seu, a partir de suas escolhas, sem necessariamente serem Felizes para Sempre...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser uma pesquisadora iniciante, ao fazer este trabalho, foi um desafio. Ao longo do curso de Pedagogia, tive poucas oportunidades para realizar pesquisas de tamanha proporção como esta. Leituras, escritas, correções, nervosismo, reflexões e também aprendizagens fizeram parte deste desafio.

Desafio que também me proporcionou grandes conquistas, dentro de um tema que me desperta muito interesse, conseguindo realizar um estudo não só teórico, mas que também poderei leva-lo para a prática, no cotidiano. Reflexões sobre a identidade feminina que poderei desenvolver com as crianças, tanto da Educação Infantil, como nos Anos Iniciais.

Ao fim deste trabalho, posso dizer que encontrei respostas provisórias para o meu problema de pesquisa, por meio do qual buscava identificar o que as Antiprincesas ensinam sobre as identidades femininas. A pedagoga Sílvia Regina Schmidt de Souza, em sua pesquisa nos fala que:

A literatura, então, que tem um lugar de destaque no cenário infantil, passa a atribuir sentidos e valores a partir das histórias apresentadas às crianças. O poder operado através da literatura infantil perante os corpos infantis tem o papel de produção de atitude “positivas” ou mesmo de “freio” de atitudes encaradas como negativas. (SOUZA, 2016, p. 50).

Entendendo que a literatura é capaz de produzir formas de pensar e também instruir condutas. Refletir acerca da literatura infanto-juvenil é de suma importância para o rompimento de estereótipos e a suspeita sobre “verdades” reproduzidas por meio dos artefatos culturais voltados para a infância. Com a ajuda dos contos tradicionais e da Coleção Antiprincesas, pude estabelecer reflexões acerca dos discursos trazidos por esse gênero literário.

Na primeira unidade de análise, intitulada *Mulheres protagonistas de suas próprias histórias*, refleti acerca do papel da mulher como responsável pela sua própria vida e pelos seus próprios desejos. Diferente dos contos tradicionais, as Antiprincesas, como vimos, são mulheres independentes, que percebem em sua arte um meio também para se manifestar – seja por meio da pintura, da escrita ou então pela música – marcando os contextos em que se inserem, rompendo com estereótipos femininos de seu tempo.

Já na segunda análise, intitulada *Felizes para sempre?*, abordou-se o matrimônio e a ideia de submissão da mulher em relação ao homem, imposta culturalmente, durante séculos. Para Marodin (1997, p.16) “O importante é o sentido de reciprocidade onde cada um esteja convencido de que o outro faz cargo de alguma responsabilidade e que as respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio”. Assim como em qualquer relação social, seja entre pais e filhos ou entre marido e mulher, espera-se, ao invés de eliminar as diferenças, reconhece-las e respeita-las, compreendendo que cada sujeito constitui-se de sua maneira, não sendo atribuído certas condutas a determinado gênero.

Com a leitura dos livros *Antiprincesas*, além de problematizar e reconhecer as diferenças de cada sujeito, podemos problematizar situações corriqueiras do dia-a-dia com as crianças. Como as novas configurações familiares a partir da separação dos pais, a capacidade de desenvolver-se enquanto sujeito autônomo e seguir suas trajetórias sem a dependência de um matrimônio, a possibilidade de diversificar e produzir outros modos de pensar a realização pessoal, sendo “feliz” a sua própria maneira.

O objetivo deste trabalho, não foi a desqualificação dos contos tradicionais, contos que fazem parte da infância de muitas crianças. Apenas objetiva-se explorar outros olhares sobre essas literaturas, tendo em vista as dinâmicas culturais que vêm constituindo as identidades. Coleções como essa das *Antiprincesas*, nos ajudam a problematizar não somente o papel da mulher, mas promovem reflexões acerca do papel exercido pelo homem em nossos contextos culturais.

Os estudos realizados neste trabalho levam a conclusão de que homens e as mulheres são apenas biologicamente diferentes, o que não justifica, em nenhum momento, a desigualdade. Para Marodin (1997, p.8) “[...] o mundo humano não é nem masculino e nem feminino, mas se equilibra só na igualdade da dignidade, da responsabilidade de direitos e deveres dos dois sexos”.

Neste sentido, percebe-se que as representações contribuem para a constituição de identidades. Com isso, as discussões acerca das identidades de gênero vinculam-se a determinados “papéis” sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Por isso, é necessário problematizar o que nos é apresentado como normalidade.

Ao final deste estudo, é possível compreender que quanto mais ampliarmos o repertório com obras “fora dos padrões” para dentro do âmbito educacional,

estaremos ao mesmo tempo possibilitando debates e reflexões sobre temáticas que repensam as relações sociais. Enquanto pedagoga em formação, acredito que com a problematização promovida por este estudo, muitas questões foram revistas e que me ajudam a promover algumas ações no âmbito da sala de aula, desde a escolha de repertório, até o diálogo com as colegas professoras sobre funções da literatura no contexto escolar. As ideias esboçadas aqui neste trabalho não se esgotam, podendo ser aprofundadas e discutidas, deixando um caminho para novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. As Formas do Corpo: marcas da(s) diferença(s) em personagens gordos a literatura infantil. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.2, p. 77-90, Jul/Dez 2010.
- BOOR, Ana Flavia. **O que as histórias infanto-juvenis (não) ensinam sobre ser menina/mulher?** 2017, 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – UNISINOS. São Leopoldo, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume 1 — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2º ed. São Paulo: Ática. 1991.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- DAHLBERG, G., MOSS, P., PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DUARTE, Vanessa Vidor. **“Cadê a magia que estava aqui?”** – O que as crianças conhecem dos contos infantis clássicos? 17 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Faculdade de Educação/UFRGS. Porto alegre, 2013.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. p.119- 130, 2003.
- FINK, Nadia; SAÁ, Pitu. **Clarice Lispector: para meninas e meninos**. Coleção Antiprinçasas #3. Editora SUR Livro- Florianópolis, SC/ Chirimbote – Argentina. 2016b. Disponível em: <<http://www.surlivro.com.br/catalogo/categorias/113/Coleo-Antiprinçasas>> Acesso em: 07 maio 2018.
- FINK, Nadia; SAÁ, Pitu. **Frida Kahlo**. Coleção Antiprinçasas. Editora SUR Livro- Florianópolis, SC/ Chirimbote – Argentina. 2015. Disponível em: <<http://www.surlivro.com.br/catalogo/categorias/113/Coleo-Antiprinçasas>> Acesso em: 07 maio 2018.
- FINK, Nadia; SAÁ, Pitu. **Violeta Parra**. Coleção Antiprinçasas #2. Editora SUR Livro- Florianópolis, SC/Chirimbote – Argentina. 2016a. Disponível em: <<http://www.surlivro.com.br/catalogo/categorias/113/Coleo-Antiprinçasas>> Acesso em: 07 maio 2018.

FLORES, Juliana Duarte. **Perspectivas infantis sobre os contos de fadas: construindo significados**. 41 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

FRAZÃO, Dilva. Clarice Lispector escritora e jornalista brasileira: Biografia de Clarice Lispector. **ebiografia**. Abril de 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/> Acesso em: 31 mar. 2018.

FRAZÃO, Dilva. Frida Kahlo Pintora mexicana: Biografia de Frida Kahlo. **ebiografia**, 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/frida_kahlo/> Acesso em: 02 abr. 2018.

GUARESCHI, Neusa M. F; HILLESHEIM, Betina. Contos de fadas e infância(s). In: **Educação & Realidade**. 31 (1). Porto alegre. P. 107-126. Jan/jul, 2006.

GUIMARÃES, Marilene Silveira. A igualdade jurídica da mulher. In: STREY, Marlene Neves. (Org). **Mulher – Estudos de Gênero**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da (Org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARODIN, Marilene. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, Marlene Neves. (Org). **Mulher – Estudos de Gênero**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 1997.

MARSCHALEK, Ruth; VELMA, Tamara. **Contos Clássicos Favoritos**. Little Pearl Books (marca da N. P. S), Índia, Impresso na China, Editora: TodoLivro, 2011.

MAZZARI, Marcus. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. Tomo 1, 1812, Jacob e Wilhelm Grimm. Traduzido por RÖHRIG, Christine, Editora: Cosacnaify, 2015.

MERTEN, Luiz Carlos 100 anos de Violeta Parra, a mais importante folclorista chilena. **O Estado de S.Paulo: cultura estado**, Outubro de 2017. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,100-anos-de-violeta-parra-a-mais-importante-folclorista-chilena,70002027063>> Acesso em: 02 abr. 2018.

MEYER, Dagmar, Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL J. F.; GOELLNER S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MULLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins. Sobre crianças, a infância e as práticas pedagógicas. In: REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda (Orgs) **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 152 p.

O Estado de S. Paulo. Clarice Lispector é lembrada com eventos nos 40 anos de sua morte. **O Estado de S.Paulo: cultura estado**, dezembro de 2017. Disponível

em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,clarice-lispector-e-lemburada-com-eventos-nos-40-anos-de-sua-morte,70002109218>> Acesso em: 12 maio 2018.

PETERSON, Áurea Tomatis. Homens e mulheres: enfim as desigualdades estão acabando? In: STREY, Marlene Neves. (Org). **Mulher – Estudos de Gênero**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 1997.

PRÁ, Jussara Reis. O feminismo como teoria e como prática política. In: STREY, Marlene Neves. (Org). **Mulher – Estudos de Gênero**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 1997.

QUEZADA, Evelyn. **Artists: Frida Kahlo**. Newsela staff. Nov. 2017. Disponível em: <<https://newsela.com/read/bio-artists-frida-kahlo/id/27593/>> Acesso em: 12 maio de 2018.

QUIRARTE, Xavier. Celebran a Violeta Parra. **Milenio**. Abril de 2017. Disponível em: <<http://www.milenio.com/cultura/celebran-a-violeta-parra>> Acesso em: 12 maio 2018.

SANTOS, Janaína Colombo dos; ALVES, Maira Mattiello; KOEHLER, Márcia Renata. Literatura Infantil: O prazer de aprender. In: VARELLA, N; SILVA, J. (Org.). **Desafiando Estruturas e Criando Caminhos na Aprendizagem**. Sapiiranga: Oikos, 2005. p. 38- 44.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Livros perigosos para garotos e maravilhosos para meninas**: O gênero social diferenciando o gênero discursivo. Revista Signos. P. 143-159. 2010.

SOSTISSO, Débora Francez. **Interfaces entre gênero, infância e escola**: dialogando com crianças. 61 folhas. Curso de especialização em educação, sexualidade e relações de gênero. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009.

SOUZA, Nilda. Clarice Lispector para meninas e meninos/ Coleção Antiprincesas. **Garagem Blue Cult**. abril 23, 2017. Disponível em: <<http://www.garagembluecult.com/2017/04/23/colecaoantiprincesas/>> Acesso em: 26 maio 2018.

SOUZA, Silvia Regina Schmidt de. **Infâncias Inventadas e a Literatura Infantil**. 78 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. UNISINOS. São Leopoldo. 2016.

STREY, Marlene Neves; BRZEZINSKI, Cíntia da Silva; BUCKER, Izabel; ESCOBAR, Rogéria C. Mulher, gênero e representação. In: STREY, Marlene Neves. (Org). **Mulher – Estudos de Gênero**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 1997.

WARNER, Marina. **Da Fera a Loira: Sobre contos de fadas e seus narradores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ANEXO 1 - QUADRO DE ANÁLISES

Elementos de análise	Frida Kahlo	Clarice Lispector	Violeta Parra
Contexto sociocultural	Nasceu em uma cidade pequena; família trabalhadora; mulher como dona de casa ; prioridade de estudos para homens; seu país passou por uma revolução; mitologia mexicana; protestava por direitos e salários melhores ; característica própria (bigode saliente); bebia tequila em bares da cidade (fora do comum).	País em guerra; família perseguida; família pobre ; diplomata na Europa e nos EUA; escritores em reclusão e silêncio (ela não); máquina de escrever; deixou a vida diplomática; manifestação contra a repressão .	nasceu em um vilarejo; passava nas casas, ouvindo histórias e músicas; família pobre ; família de artistas; nas férias iam para o interior; aprendeu sobre a arte popular; trabalhou para ajudar a família; família grande; mudou-se para Santiago para trabalhar e cantar; morando na cidade tinha que se vestir melhor; muito rádio e pouca televisão; conhecia cantos para chamar chuva; cantava em bares onde era frequentado por homens que vinham depois do expediente; trabalhava junto com os filhos; seu marido queria uma dona de casa ; quando foi viajar deixou os filhos com o pai; admiração na Polônia; aprendeu a tocar guitarra.
Características físicas/sócio emocionais	Deficiência física (uma perna mais curta que a outra); usava calças compridas na escola, pra esconder a perna; era zombada pelos meninos; no ensino médio era vista como divertida, engenhosa, rebelde, inteligente...; se vestia de terno nas fotos de família; desafiava sua mãe; sofreu um greve acidente de ônibus; entediada; casou-se 2X; desejava ter	Repetiu o 3º ano a mando do pai, pois os livros eram pesados; teve animais e brincava na rua; mãe morreu cedo; gostava de inventar histórias; teve 2 filhos; gostava do mar; trabalho para sustento dos filhos; tinha muitos pretendentes, mas não havia nascido para casar ; queria ouvir seus próprios desejos; acidente resultando queimaduras profundas na mão e na perna; escrevia a mão; não gostava de dar	Pegava o violão do pai escondido e imitava o pai na forma de segurar e tocar e também imitava a mãe na forma de cantar; autodidata; se vestiu com "roupa de festa" e foi a procura do irmão na cidade grande; desenraizamento; fazia bebidas; cantava músicas românticas com sua irmã em bairros populares; nestes bares conheceu seu marido; teve 4 filhos; escolheu a arte e seus filhos ao invés de seu marido ; imagem simples.

	filhos, mas não podia devido as operações; pintou-se em 2 "mundos", EUA e México; cantava.	entrevista e não gostava de ser famosa; escrever igual a respirar; dizia tudo nos livros ; não sabe escrever por obrigação; fez direito e tinha como desejo reformular o sistema penal; era vaidosa; não gostava de ficar presa.	
Marcas de suas produções artísticas	Pinturas partindo da solidão e do tédio; mostrar as coisas de outra forma ; era sua própria modelo; pintava autorretratos e acrescentava animais; pintava a sua realidade ; esqueletos em suas obras (festa dos mortos) ; cultura mexicana .	Escreveu contos infantis com animais; obras baseadas em fatos reais ; se considerava anti-escritora, pois escrevia juntamente com seus filhos; escrita em pedaços, muito e variada; literatura que não se encaixa no realismo (moda da época); considerada como estranheza para a literatura da brasileira; jornalista, escreveu crônicas e colunas; gostava do mar, por isso aparecia em suas escritas; escrevia histórias atuais e passadas , falava de falsa moral, dava sentido diferente as palavras .	Violão a tira colo; sabedoria em arte popular; possuía um programa no rádio; conhecimento de músicas de vários lugares do Chile ; premiada; artesanato com materiais recicláveis; criou um centro cultural, para apresentações de grupos.